

## DA POSSIBILIDADE DA FORMAÇÃO DE “CONHECIMENTOS NOVOS” POR PARTE DA “ALMA SEPARADA”, NO “ESTADO *POST-MORTEM*”, SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO

THE POSSIBILITY OF THE FORMATION OF “NEW KNOWLEDGE” BY THE “SEPARATED SOUL”, IN THE “POST-MORTEM STATE”, ACCORDING TO TOMÁS DE AQUINO

Edson Gonçalves Silva\*  
Marcos Roberto Nunes Costa\*\*

### RESUMO

É sabido que Tomás de Aquino é adepto da antropologia aristotélica, segunda a qual o homem é concebido como uma “unidade substancial” de corpo e alma. Entretanto, como cristão, Tomás de Aquino se afasta do Mestre no que se refere ao destino final da alma, afirmando a sua imortalidade. O presente artigo se propõe a averiguar e demonstrar não simplesmente, ou propriamente, se a alma sobrevive pós-morte do corpo. Este já é um pressuposto dado. O que queremos demonstrar é que, em Tomás de Aquino, para além de uma sobrevivência, no “estado *post-mortem*”, a alma (i) tem consciência de si mesma; (ii) que por reconhecer a si mesma, ela está de posse das suas faculdades intelectivas; (iii) que tem ciência de si e de seu intelecto, por isso opera ou compõe “conhecimentos novos”, a partir compõe “conhecimentos novos”, seja a partir dos “novos conhecimentos” já adquiridos quando de sua união com o corpo, mas não só isso, pois chega até a admitir que ela possa construir “conhecimentos novos” a partir da inter-relação espiritual com outras almas, no além.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tomás de Aquino. Estado *post-mortem*. Alma separada. Conhecimentos novos.

### ABSTRACT

It is known that Tomás de Aquino is a fan of Aristotelian anthropology, according to which man is conceived as a “substantial unity” of body and soul. However, as a Christian, Thomas Aquinas distances himself from the Master as regards the final destiny of the soul, affirming its immortality. This article aims to investigate and demonstrate not simply, or properly, whether the soul survives after the death of the body. This is already a given assumption. What we want to demonstrate is that, in Tomás de Aquino, in addition to survival, “in the post-mortem state”, the soul (i) is aware of itself; (ii) that by recognizing herself, she is in possession of her intellectual faculties; (iii) that is aware of itself and of its intellect, therefore, it operates or composes “new knowledge”, from there it composes “new knowledge”, either from the “new knowledge”, which it acquired when it joined with the body, but not only that, as it even admits that it can build “new knowledge” based on spiritual interrelation with other souls, in the hereafter.

**KEYWORDS:** Tomás de Aquino. Post-mortem state. Separated soul. New knowledge

---

\* Professor da UNINASSAL. Mestre em Filosofia Medieval (UFPE); Especialista em Educação (FG); Graduado em Filosofia (UNICAP). E-mail: [edsonsilva.filo@gmail.com](mailto:edsonsilva.filo@gmail.com).

\*\* Doutorado em Filosofia pela PUCRS, Pós-doutorado em Filosofia pela Universidade do Porto, professor efetivo do Departamento de Filosofia da UFPE. E-mail: [marcosnunescosta@hotmail.com](mailto:marcosnunescosta@hotmail.com).

## INTRODUÇÃO

Tomás de Aquino, em suas considerações sobre a imortalidade da alma e da sua permanência após a corrupção do corpo, propõe algumas discussões no âmbito filosófico-teológico. Contudo, sem muita clareza sobre o assunto, discorre em determinadas contradições contextuais; talvez por lhe faltar mais argumentos filosóficos do que teológicos sobre o mundo espiritual. Por exemplo, afirma a subsistência da alma, das suas faculdades intelectivas e o desejo natural dela em continuar conhecendo. Por outro lado, não deixa claro se a “subsistência” da alma, após a corrupção do corpo, permite uma continuação do conhecimento ou se ela regride ou mergulha em uma letargia eterna. Haja vista que, enquanto a alma é incorruptível [subsistente], o corpo não é. Assim, após a corrupção do corpo, a alma perde os canais de entrada. Não há mais os sentidos, e a percepção do mundo externo se apaga. Daí, como conciliar um desejo natural de conhecer e a perda da abstração do mundo físico?

Entretanto, parece haver na natureza do homem algo muito peculiar e intrínseco: a imortalidade da alma. Essa peculiaridade é o reflexo da sua principal operação: o conhecimento das coisas. Isso o faz diferente de tudo o que não é humano. Busca apreender o Ser absoluto e perpétuo. É uma operação que atribui ao homem a condição do raciocínio e da intelecção das coisas, distinguindo-o do gênero animal. Assim, como já demonstrado, o intelecto é uma potência da alma com capacidade de emitir pensamento próprio e uma potência de conhecer. Com essas potências, o homem há de ter naturalmente o desejo de ser imortal.

A princípio, a razão nos leva a pensar que no *post-mortem* a alma intelectual se perde em uma temporalidade letárgica. Isso contradiz Tomás de Aquino, que considera ser próprio do homem o desejo de se perpetuar. Onde nasce esse desejo, se a alma não tivesse em sua essência (*quiddidade*) a semente da imortalidade? Desejo que em determinado momento é sinônimo de Vontade. E esta é definida pelo Aquinate como outra potência da alma.

Todavia, parece haver certa ausência lógica nos argumentos tomasianos e solidez quando trata da intelecção da alma ao separar-se do corpo: “A alma separada não entende por espécies inatas, nem por espécies que, na ocasião, abstrai, nem só por espécies conservadas” (AQUINO, *S.th.*, I, q.89, a.1-6), e na sequência contradiz a citação anterior ao dizer que “a alma separada poderá entender”.

Para resolver esse dilema, é importante considerar relevante que as potencialidades da alma permanecem depois da destruição do corpo, conforme ele mesmo aponta: “Certas potências se comparam com a alma, em separado, como com o sujeito, e são o intelecto e a vontade; e tais potências necessário é que permaneçam na alma, depois de destruído o corpo.” (AQUINO, *S.th.*, I, q.77, a.8). O que significa dizer que, embora Tomás de Aquino defenda a unidade substancial de alma e corpo para juntos formarem o homem e a captação das imagens pelos sentidos corporais, como defendia Aristóteles, porém, (como pensador cristão), discorda do Estagirita no tocante ao destino dela (alma). Para o Aquinate, esta, ou pelo menos parte desta, a saber, o intelecto, permanece com todas as suas potencialidades pós-morte do corpo.

Logo, como existem na alma (intelecto) conhecimentos que independem da matéria, então é perfeitamente plausível admitir e especular acerca da possibilidade da formação de ‘conhecimentos novos’<sup>1</sup> por parte da alma após a morte do corpo em Tomás de Aquino. Eis o que demonstraremos no presente artigo.

## **1 DO ESTADO DE CONSCIÊNCIA DA “ALMA SEPARADA”, SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO**

Tomás de Aquino ao tratar da consciência não a considera uma potência, mas um ato. Esclarece: “consciência quer dizer *conhecimento com um outro*” (AQUINO, *S.th.*, I, q.79, a.13). Ora, é impossível que haja conhecimento se não houver uma relação mútua com o outro e para isso é imprescindível que a consciência esteja em ato, logo é parte natural da alma. Ademais, como o intelecto é uma potência da alma (*habitus*) (AQUINO, *S.th.*, I, q.89, a.5), a consciência não pode lhe pertencer, mas é racional compreender que, sem o intelecto, ela não pode agir. De outro modo, a consciência precisa do intelecto para suas atribuições, como diz o Aquinate: “A consciência atesta, obriga ou incita, e ainda acusa ou reprova ou repreende. Ora, tudo isso resulta da aplicação de algum conhecimento ou ciência [razão] que temos do que fazemos” (AQUINO, *S.Th.*, I, q. 89, a.5).

Segundo o *Doctor Angelicus* são necessárias três condições para o agir consciente: (i) atestar reconhecendo nossas ações realizadas; (ii) formar juízo das aplicações necessárias para

---

<sup>1</sup> Trata-se dos supostos conhecimentos produzidos pela alma intelectual pós-morte do corpo. Contrariamente aos “novos conhecimentos”, que são produzidos pela alma quando unida ao corpo. Segundo Tomás de Aquino acredita que os “conhecimentos novos” são possíveis, porque a alma intelectual tem o poder de compor e dividir (combinar) as representações imaginárias existentes na memória sem a necessidade do corpo físico.

o fazer ou não, ou seja, obrigar-nos a um posicionamento e (iii) julgando as aplicações a partir da ação tomada, bem ou mal feita, a consciência reprova ou não o ato. Todo esse processo está na relação direta do conhecimento que obtemos ou já existente. Sem dúvidas que outras considerações mais profundas devem nortear tomadas decisivas, como por exemplo as questões morais, por isso mesmo tomamos a consciência como uma particularidade do homem frente a sua racionalidade, podendo ele escolher (livre-arbítrio) a partir de uma determinada vontade impulsionada pelo intelecto; logo, a consciência é ato. Para isso ocorrer, o intelecto precisa de outras potências inerentes, como o desejo e a liberdade. Assim, uma vez desprovida do corpo, a alma intelectual desperta a sua natureza operativa: o desejo (vontade e livre-arbítrio). Por isso, há uma importante razão de existir: uma consciência de si mesmo e de sua relação com o mundo espiritual (Tomás cita a alma como uma substância espiritual).

Segundo Tomás de Aquino (*S.th.*, I, q.88, a.2, *ad.* 3), “deve-se dizer que a alma humana conhece a si mesma, por seu ato de conhecer, que revela perfeitamente sua potência e sua natureza”. Essa descrição quando bem observada nos leva à compreensão de que o intelecto é uma potência da alma que conhece o inteligível quando está em ato (AQUINO, *S.th.*, I, q.87, a.1). Assim, podemos ter uma ideia de uma alma que, embora conheça o universal pelo singular (intelecto), possui na sua gênese a propriedade da própria existência, ou seja, existe e sabe que existe.

No entanto, segundo Tomás de Aquino, é necessário o intelecto para que a operação de conhecimento sobre si mesma possa acontecer, pois diz ele que somente “a essência de Deus é ato puro e perfeito, é absoluta e perfeitamente inteligível em si mesma” (AQUINO, *S.th.*, I, q.87, a.1), que de certa forma contrariaria nossa posição anterior quando expomos a *quididade* da alma à imaterialidade. Ora, o criador de uma obra contamina sua criação que irá definir seu estilo. Ademais, Deus em sua essência e vontade não podia criar a alma com elementos difusos à sua natureza e de nenhuma outra, porque todas as suas criações estão impregnadas por sua presença (onipresença), que de certa forma falam por si mesmas, uma vez que o homem fora criado à imagem e semelhança Sua, notadamente pela alma.

Segundo o *Doctor Angelicus*, o autoconhecimento está no gênero dos inteligíveis em ato. Ele distingue os anjos e os homens, destaca o primeiro como aquele que está em ato (não em ato puro e completo) e o homem pertence ao gênero inteligível em potência a partir do

“intelecto agente”<sup>2</sup>: “Segue-se que nosso intelecto conhece a si mesmo enquanto é posto em ato pelas espécies que a luz do intelecto agente abstrai do sensível” (AQUINO, *S.th.*, I, q.87, a.1), e na sequência o “intelecto possível”<sup>3</sup> (a partir do ato) o transforma em conhecimento. Ainda afirma que “primeiro o intelecto conhece a respeito de si mesmo é o seu ato de conhecer” (AQUINO, *S.th.*, I, q.87, a.3).

Por fim, esclarece o Frade dominicano:

Em consequência, muitos ignoram a natureza da alma, e muitos também se deixam enganar sobre sua natureza. Razão porque Agostinho diz de tal busca sobre a mente [alma]: ‘A mente não procura conhecer-se como estivesse ausente, mas procura em sua presença discernir o que é’. (AQUINO, *S.th.*, I, q.87, a.3, grifo nosso).

Segundo o Aquinate, mesmo com a corrupção do corpo, a alma intelectiva não se transforma em um ser letárgico, nem regrida, mas opera novas impressões de conhecimentos, porque é imanente dela essa operação. O intelecto é inerente à alma como princípio incorruptível. O intelecto está para a alma, como o ar está para o homem. Logo, sua permanência para além do corpo é natural e não é corrompido com a destruição do corpo [...]. “Desta forma, a alma humana conserva seu ser quando é separada do corpo” (AQUINO, *S.th.*, I, q.76, a.1, *ad.* 6).

Em suma, para Tomás de Aquino, para a “alma separada” preserva-se em estado de consciência no estado pós-morte do corpo, contrariando aqueles que defendem que esta fica em estado de sonolência (inconsciência).

## **2 DA PERMANÊNCIA DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS [“NOVOS CONHECIMENTOS”<sup>4</sup>], NA “ALMA SEPARADA”, SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO**

No tópico anterior vimos que, para determinadas operações (inteligíveis) a alma não necessita de órgãos do corpo, pois o conhecer e o querer são inerentes ao intelecto (AQUINO, *S.th.*, I, q.77, a.5), e apresentamos as razões que nos levam à certeza da plena consciência da

---

<sup>2</sup> Parte ou faculdade da alma que abstrai a essência universal dos fantasmas (que está em potência) e a transforma em ato, ou seja, atualiza e imprime o inteligível.

<sup>3</sup> Parte ou faculdade da alma que recebe a impressão inteligível e é o responsável pelo ápice do entendimento humano, é nele que o conhecimento propriamente dito se realiza.

<sup>4</sup> Como vimos em nota anterior, quando comentamos acerca do conceito de “conhecimentos novos”, o termo “novos conhecimentos” é estabelecido para designar um conhecimento produzido pela alma enquanto está unida ao corpo, que recebe o nome de “novos”, por considerar que a alma (memória) é uma “tábua rasa” onde serão impressos os conhecimentos adquiridos ou construídos a partir do nascimento.

alma intelectual após a corrupção do corpo, que são ratificadas pelo Aquinate, que diz:

Portanto, para que o intelecto conheça em ato sem o mundo sensível, não somente adquirindo uma ciência nova coisas imateriais, mas ainda fazendo uso de uma ciência adquirida memória intelectual, hábito, o intelecto exige o ato da imaginação e das outras potências vontade e livre-arbítrio. (AQUINO, *S.th.*, I, q.84, a.7, grifos nossos).

O intelecto em ato para conhecer se volta às representações imaginárias existentes, pois só as podemos conhecer em estado de vida presente. Mas este momento, negue-se a possibilidade do conhecimento da alma fora do corpo quando esta pode comparar a imagem da coisa material com a coisa imaterial, vejamos o que diz ele: “Conhecemos as coisas incorpóreas, das quais não se tem representações imaginárias, por comparação com os corpos sensíveis, dos quais são as representações imaginárias.” (AQUINO, *S.th.*, I, q.84, a.7).

Dessa maneira, como visto, o intelecto em ato pode perceber os universais e comparar com outros que já existem em sua memória intelectual. Ademais, o *Doctor Angelicus* faz certo esclarecimento sobre o suposto impedimento da alma no estado pós-morte, comparando-o à alma durante o sono do corpo, ainda em vida: “Portanto, na medida em que o sentido e a imaginação estão livres durante o sono, também o juízo do intelecto, mas não totalmente” (AQUINO, *S.th.*, I, q.84, a.8), segue-se que, uma vez possibilitado de usufruir do livre-arbítrio (juízo de escolha), ainda que parcial, para raciocinar, podemos deduzir que após a corrupção do corpo essa condição é potencializada, e a possibilidade de conhecer é conservada.

É claro que o intelecto, segundo o Santo de Aquino, tem como finalidade primeira o conhecimento da natureza das coisas materiais (a partir das imagens), o que significa dizer que sua essência e seu conhecer são resultados desse primeiro conhecimento, de forma que, segundo ele, “essa operação permanece no intelecto como sua perfeição e seu ato” (AQUINO, *S.th.*, I, q.87, a.3). Ora, se consideramos que por condição natural a alma conhece o mundo sensível a partir das representações imaginárias, e com a morte não terá mais essas representações, logo, a alma estará desprovida de conhecer o mundo natural. Contudo, o Dominicano esclarece que permanece na alma intelectual a capacidade de um outro tipo de percepção, a saber, das substâncias imateriais:

Ora a alma tem um modo de existir diferente quando está unida ao corpo, e quando dele separada, embora sua natureza permaneça a mesma. [...]. Quando, contudo, está separada do corpo, convém-lhe o modo de conhecer pelo qual se volta para as coisas

que são totalmente inteligíveis, da mesma maneira que as outras substâncias separadas. (AQUINO, *S.th.*, I, q.89, a.1).

Com expressiva afirmação, o Aquinate coloca a inteligência como a operação mais semelhante às substâncias superiores, pois, segundo ele, ela opera sem a necessidade dos órgãos corpóreos, por isso a denomina “alma intelectual”. Ademais, esclarece que não há nenhuma relação da operação realizada por ela com a matéria corporal, porque, segundo explica, pode ela — a alma intelectual —, produzir operações sem o corpo (AQUINO, *ScG*, II, LXVIII, 1459a-1465).

Por outro lado, o Aquinate nos leva à percepção das leis naturais que regem o homem e tudo que há. Significa dizer que para a condição material, a organização é uma e para o incorpóreo é outra. Assim, podemos compreender que o conhecimento não está retido a uma situação permanente pelos sentidos. Tomás de Aquino esclarece que se tudo fosse a partir das representações imaginárias contidas somente na alma, a ciência estaria restrita, pois, diz ele a respeito: “Se, pois, aquilo que conhecemos fosse somente as espécies que estão na alma, todas as ciências não seriam de coisas que estão fora da alma, mas somente das espécies inteligíveis que estão na alma.” (AQUINO, *S.th.*, I, q.85, a.2).

Essa posição foi definida pelo Aquinate ao afirmar que há na alma operações independentes da matéria corporal, sem com isso que haja por parte dela necessidade do corpo (AQUINO, *S.th.*, I, q.76, a.5, *ad.* 2). Os estudos do Frade dominicano apontam para a existência de potências que independem do corpo, haja vista sua afirmação sobre o intelecto e a vontade como potências que estão para além da matéria (AQUINO, *S.th.*, I, q.76, a.8, *ad.* 4).

A esse respeito, podemos demonstrar as operações a partir do *habitus* que tanto no corpo quanto na alma é existente. Diz o Aquinate, que “[...] é preciso que o *habitus* da ciência aqui adquirido esteja em parte nas potências sensíveis, acima enumeradas, e em parte no próprio intelecto” (AQUINO, *S.th.*, I, q.89, a.5). Salvo a memória sensitiva, que pertence ao corpo e com ele se corrompe, é contrário ao que demonstramos a respeito da memória intelectual pensar que: uma vez as imagens apreendidas pelo intelecto pudessem desaparecer na morte do corpo. Ficou clara a importância da recordação por parte do homem, quando em alma (sem corpo), lembrar dos seus atos e ter ciência do seu julgamento (consciência de si mesmo). Assim, também é claro que a ciência adquirida no mundo sensível é espelhada (impressa) na alma, a partir do *habitus* como potencialidade intelectual, como esclarece

Tomás de Aquino (*S.th.*, I, q.89, a.5): “[...] mas o que está no próprio intelecto permanecerá necessariamente. [...] Deve-se, portanto, dizer que o *habitus* de ciência, na medida em que está no intelecto, permanece na alma separada”.

No entanto, deve-se admitir como verdade o objeto a partir de uma representação de imagens? Ou há uma possibilidade, por menor que seja, de no caminho até o “intelecto possível” ter ocorrido um erro de captação da imagem? Pensando nessa possibilidade, o Aquinate nos tranquiliza e, para que não haja dúvidas quanto a apreensão dos sentidos na formação de “novos conhecimentos ou reconhecimentos”, esclarece:

o julgamento da potência cognoscitiva terá por objeto aquilo que ela mesma julga, a saber, sua própria impressão, segundo o que ela é; e assim todo julgamento será verdadeiro [...]. Por conseguinte, toda opinião será igualmente verdadeira, e de modo geral, toda significação. (AQUINO, *S.th.*, I, q. 85, a.2).

As ponderações do Aquinate em estabelecer a verdade (a partir da condição do intelecto) nos permitem ter maior segurança na operação do “intelecto possível”. Então, o “intelecto possível” mantém em sua natureza a condição de determinar se o objeto captado pelos sentidos é o que é, sem possibilidades de engano. Ademais, uma vez desprovida do corpo, a alma é capaz de conhecer o imaterial a partir do inteligível.

### **3 DA CONSTRUÇÃO DE “CONHECIMENTOS NOVOS”, POR PARTE DA “ALMA SEPARADA”, SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO**

Frente às questões anteriores, o Aquinate conclui que a alma “pode também produzir operação sem o corpo” (AQUINO, *ScG*, II, LXIX, 1465). Por conseguinte, reforça que a alma não existe por causa do corpo, tampouco que se una a ele por causa do intelecto (AQUINO, *S.th.*, I, q.84, a.4); pelo contrário, se o corpo por si só fosse capaz de conhecer, segundo o Frade de Aquino, a alma “estaria em vão unida ao corpo”, e se por outras, se a alma por si só estivesse apta a receber as espécies inteligíveis, não haveria necessidade do corpo. Contudo, no que se refere ao conhecimento das substâncias imateriais ou inteligíveis, afirma ter a alma potencialidades independentes do corpo, como o intelecto e a vontade. O que denota uma aparente contradição. O que não é verdade. O que há, para nós, é uma peculiar diferença entre as proposições expostas pelo Frade de Aquino, ou seja, entre o operar “novos conhecimentos” e “conhecimentos novos”.



Os “novos conhecimentos”, como vimos no tópico anterior, advêm das operações desde os órgãos corporais (sentidos externos) até o “intelecto possível”. Decerto que essa operação perderia todo o sentido se a alma pudesse apreender o sensível imediatamente, como se ela pertencesse à categoria dos anjos, o que seria compreensível defender que o corpo seria desnecessário. Por outro lado, é fato entender que, em relação aos “conhecimentos novos” o corpo é irrelevante para a operação. Enquanto para “novos conhecimentos” precisa-se captar o sensível pelos sentidos corporais, nos “conhecimentos novos” dá-se o processo a partir do que já existe na memória intelectual à disposição para operar. Ademais, todo o processo operativo será pela composição (compor e dividir) das representações imaginárias existentes na memória intelectual. Condição essa que realizamos quando estamos ainda no corpo, por exemplo, ao associar uma casa e a cor azul, compõe-se um conhecimento novo: uma casa azul.

Desprovida do corpo, a alma não perde essas potencialidades. Estas são inerentes a sua existência, por isso ao dizer que além do intelecto, da memória, da vontade e do livre-arbítrio, a consciência de si mesma torna uníssona a sua existência. Assim afirma o Frade de Aquino: “Portanto, é claro que para que o intelecto conheça em ato, não somente adquirindo uma ciência nova, mas ainda fazendo uso de uma ciência adquirida, o intelecto exige o ato da imaginação e das outras potências.” (AQUINO, *S.th.*, I, q.84, a.7). A ciência produzida pela alma, quando de sua união com o corpo, permanece nela após a corrupção do corpo, embora, como o próprio Tomás de Aquino adverte, a operação é realizada conforme o seu novo *modus vivendi*:

Visto que as espécies inteligíveis permanecem na alma separada, [...], mas que o estado dessa alma não é o mesmo que o estado atual, a consequência é que a alma separada pode conhecer, por meio das espécies inteligíveis aqui adquiridas as coisas que anteriormente conheceu; não, entretanto, da mesma maneira, isto é, voltando-se para as representações imaginárias, mas de uma forma que convém a uma alma separada. (AQUINO, *S.th.*, I, q.89, a.6, grifos nossos).

Ora, nada contraria sua condição, uma vez sem o corpo a alma continua a operar a partir das imagens retidas em sua memória intelectual, por meio da recordação. Entretanto, não há dúvidas, como acima foi considerado, que a alma separada também possui a capacidade, por natureza, de operar na construção de “conhecimentos novos”. Assim, por exemplo, a composição probabilística conferida pela ciência da matemática na construção de

“conhecimentos novos” está na razão direta do volume captado e armazenado em memória, que a alma tenha conseguido quando, ainda no corpo, apreender (AQUINO, *S.th.*, I, q.89, a.5).

Ora, o Santo de Aquino irá propor a seguinte consideração bastante plausível:

O homem, com efeito, pode chegar à bondade universal e total, porque pode alcançar a bem-aventurança. Ele ocupa, entretanto, por sua natureza, o último degrau entre aqueles a quem cabe a bem-aventurança; por isso a alma humana tem necessidade de numerosas e diferentes operações e potências. (AQUINO, *S.th.*, I, q.77, a.2, grifo nosso).

Todavia, as afirmações demonstradas até o momento confirmam que a alma não se torna um ser letárgico depois da morte. Como também ratificamos a escalada gradual da alma para sua plenitude de felicidade. Sem as potencialidades inerentes da alma, não haveria em nosso íntimo a dúvida se somos apenas corpo; no entanto, isto não é suficiente para validar uma existência, é necessário que sejamos também capacidade operativa e produtora de “conhecimentos novos”.

Ademais, resta-nos questionar: se, na alma, a matéria (espécie singular) produz um conhecimento universal, e, uma vez o objeto material não mais existindo, a alma pode conhecê-lo a partir do inteligível universal existente na memória intelectual de outra alma?

Ora, a princípio, o intelecto, para formação de “novos conhecimentos”, a alma forma o conhecimento ou direto do universal (pelo inteligível) ou indiretamente conhece o singular pela via das representações (AQUINO, *S.th.*, I, q.86, a.1). Por outra, uma vez armazenada a representação universal na memória intelectual e, desprovida do corpo no pós-morte, a alma não precisará buscar as representações imaginárias da espécie singular para conhecer, nem mesmo quando esta não mais existir, pois, na alma separada já constam os “novos conhecimentos” adquiridos e constantes na alma quando de sua união com o corpo.

Além disso, esta mesma alma pode juntar-se a uma outra alma, no mundo espiritual, e produzir “conhecimentos novos”, mediante uma operação de inter-relação espiritual, conforme afirma o Aquinate: “Elas podem também conhecer as ações dos vivos, não por si mesmas, mas pelas almas daqueles que daqui partem para junto delas [...]” (AQUINO, *S.th.*, I, q.89, a.8, *ad.* 1, grifo nosso), de forma que parece não haver dúvidas sobre essa relação, i.é., que no além exista entre elas uma operação de inter-relação comutativa e a possibilidade de intercambiar conhecimentos, como afirma o Aquinate:

As almas separadas conhecem as outras almas separadas [...]. Por conseguinte, pelo fato de a alma separada conhecer a si mesma, podemos entender de que maneira conhece as outras substâncias separadas [...]. Todavia, quando está separada do corpo, conhece não voltando-se para as representações imaginárias, mas voltando-se para aquilo que é por si mesmo inteligível [...]. O modo de ser da alma separada é inferior ao do anjo, mas semelhante ao das outras almas separadas. Razão pela qual tem ela um perfeito conhecimento dessas almas [...] (AQUINO, *S.th.*, I, q.89, a.2).

É conclusivo, portanto, que a alma separada também pode conhecer a espécie universal que não está em si, através de outra alma.

Diante das evidências da multiplicidade de almas separadas e do contraditório da corrupção destas<sup>5</sup>, na mesma obra, Aquino realiza comentários de grande importância sobre a capacidade de a alma separada construir “intelecções novas”. Assim sendo, considerando-se que para o autor da *Suma contra os gentios* “há substâncias intelectuais que subsistem sem o corpo” (AQUINO, *ScG*, II, XCI, 1773b), nos diz o bom senso que as almas estão em um plano (mundo espiritual) com plena consciência das suas faculdades operativas, mas diferente quanto ao modo de operar suas faculdades de relação e construção do conhecimento (“conhecimentos novos”). Ademais, é notório que o corpo material que lhe serve de instrumento para construir o conhecimento (“novos conhecimentos”), também é, de certa maneira, uma barreira impeditiva para que o intelecto tenha uma maior pureza em suas ações. Isso é motivo pelo qual o Santo Frade chega a ventilar a possibilidade dos “conhecimentos novos”, produzidos pela alma separada *post-mortem*, serem ainda mais perfeitos que os produzidos enquanto estava ainda unida ao corpo:

Com efeito, sendo a intelecção uma operação não exercida por órgão corpóreo, ela não necessita de corpo senão enquanto os inteligíveis são recebidos dos sentidos. Mas este é um modo imperfeito de intelecção, pois o modo perfeito consiste em se conhecerem as coisas inteligíveis por natureza. Se, pois, [...] é também necessário que antes das almas humanas [...] existam outras substâncias intelectuais [almas] que tenham intelecção das coisas que são em si mesmas inteligíveis [...] (AQUINO, *ScG*, II, XCI, 1779, grifo nosso).

Com isso Tomás de Aquino deixa claro que, primeiro, as operações na alma ocorrem de duas maneiras diferentes: “Um é o modo pelo qual a alma separada tem conhecimento intelectual, e o outro modo segundo o qual ela o tem quando unida ao corpo [...] pois cada coisa opera como é.” (AQUINO, *ScG*, II, LXXXI, 1625a). Além disso, o *Doctor Angelicus* consolida o fato de a substância intelectual não depender unicamente do corpo para conhecer,

---

<sup>5</sup> Comentado na *Suma contra os Gentios*, II, LXXX, 1613.

pois, segundo ele, temos conhecimento no intelecto de muitas coisas que não necessitou dos órgãos corpóreos para conhecer (AQUINO, *ScG*, XCII, 1792). O que possibilita a alma conhecer quando separada do corpo no pós-morte do homem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que se escreva a respeito da alma imortal, sempre restarão duas estradas à frente: a primeira é a certeza da morte e o inevitável cumprimento da lei da vida, ou seja, tudo que nasce, cresce, há de um dia morrer; a segunda está na incerteza se realmente morremos (se existe um ponto final), ou a existência continua no *post-mortem*.

A proposta deste artigo não era simplesmente, ou propriamente, mostrar que Tomás de Aquino considerando como verdadeira a última parte da segunda alternativa, a saber, a alma que sobrevive à morte. Este é apenas um pressuposto. O que nos propomos foi averiguar e demonstrar que, para além de uma sobrevivência, no estado *post-mortem*: (i) ela tem consciência de si mesma; (ii) que por reconhecer a si mesma, ela está de posse das suas faculdades intelectivas; (iii) que tem ciência de si e de seu intelecto, por isso, opera ou compõe “conhecimentos novos”, a partir dos “novos conhecimentos” que adquiriu quando de sua união com o corpo, mas não só isso, pois chega até a admitir que ela possa construir “conhecimentos novos” a partir da inter-relação espiritual com outras almas, no além.

Dessa forma, como já descrito acima, existe uma troca de conhecimentos, não restando à alma intelectiva apenas o que apreendeu com as sensações do corpo físico, mas poder associar esse aprendizado com o que passará a conhecer em conjunto com seus pares.

O artigo demonstra que por um lado se preserva (enquanto alma intelectiva) o conhecimento apreendido pelas representações imaginárias, como também se continua a conhecer e a desenvolver aprendizados novos em um ciclo contínuo de conhecimentos para além da morte.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. **Suma teológica**. São Paulo: Loyola, 2002. vol. II, 894 p.

AQUINO, Tomás de. **Suma contra os gentios**. Tradução de Odilão Moura. Porto Alegre: EST/SULINA/UCS, 1990. vol. I. 376 p.

AQUINO, Tomás de. **A unidade do intelecto, contra os averroístas**. Tradução, apresentação, glossário e introdução de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. São Paulo: Paulus, 2016. 79 p. (Coleção filosofia medieval).

AQUINO, Tomás de. **Questões disputadas sobre a alma**. Tradução de Luiz Astorga. São Paulo: Realizações Editora, 2014, 463 p.

AQUINO, Tomás de. **Verdade e conhecimento**. Seleção, tradução e introdução de Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 390 p.

AQUINO, Tomás de. **Sobre el princípio de individuación**. Introducción, tradaducón e notas de Paulo Faitanin. Pamplona: Universidade de Navarra, 1999, 104 p. (Cadernos de Anuário Filosófico, n. 85).